

ADRIANA MONTEIRO DA SILVA

**TAPUITAPERA NA ROTA DOS FOGUETES:
Sequências Didáticas sobre Alcântara para o Ensino
Fundamental de História**

**São Luís
2019**

Capa
Adriana Monteiro da Silva

Pesquisa Iconográfica e Imagens
Adriana Monteiro da Silva

Texto
Adriana Monteiro da Silva

Revisão
Profª. Drª. Carine Dalmás

Revisão do texto
Francilene Cardoso-Bibliotecária CRB13/797

Este material foi elaborado como produto do Mestrado Profissional em História, sob a orientação da Profª. Drª. Carine Dalmás.

Silva, Adriana Monteiro da.

Tapuitapera na rota dos foguetes: sequências didáticas sobre Alcântara para o Ensino Fundamental de História. / Adriana Monteiro da Silva. – São Luís, 2019.

53 p.; il.

Produto da dissertação: Tapuitapera na rota dos foguetes: o impacto social da instalação do Centro de Lançamento de Alcântara e a construção de sequências didáticas para o Ensino Fundamental de História.

Orientadora: Profª. Drª Carine Dalmás.

1. Ensino de História. 2. Alcântara. 3. CLA. I. Título

CDU: 93/94 (=1-82):812.1

SUMÁRIO

Apresentação

Sequências didáticas

1 Eu, o tempo e o lugar	7
2 Celebração em Alcântara	13
3 Quem conta a história?	25
4 Farinha: identidade e cultura do Maranhão	31
5 Alcântara um espaço em disputa	45
Referências	52





APRESENTAÇÃO

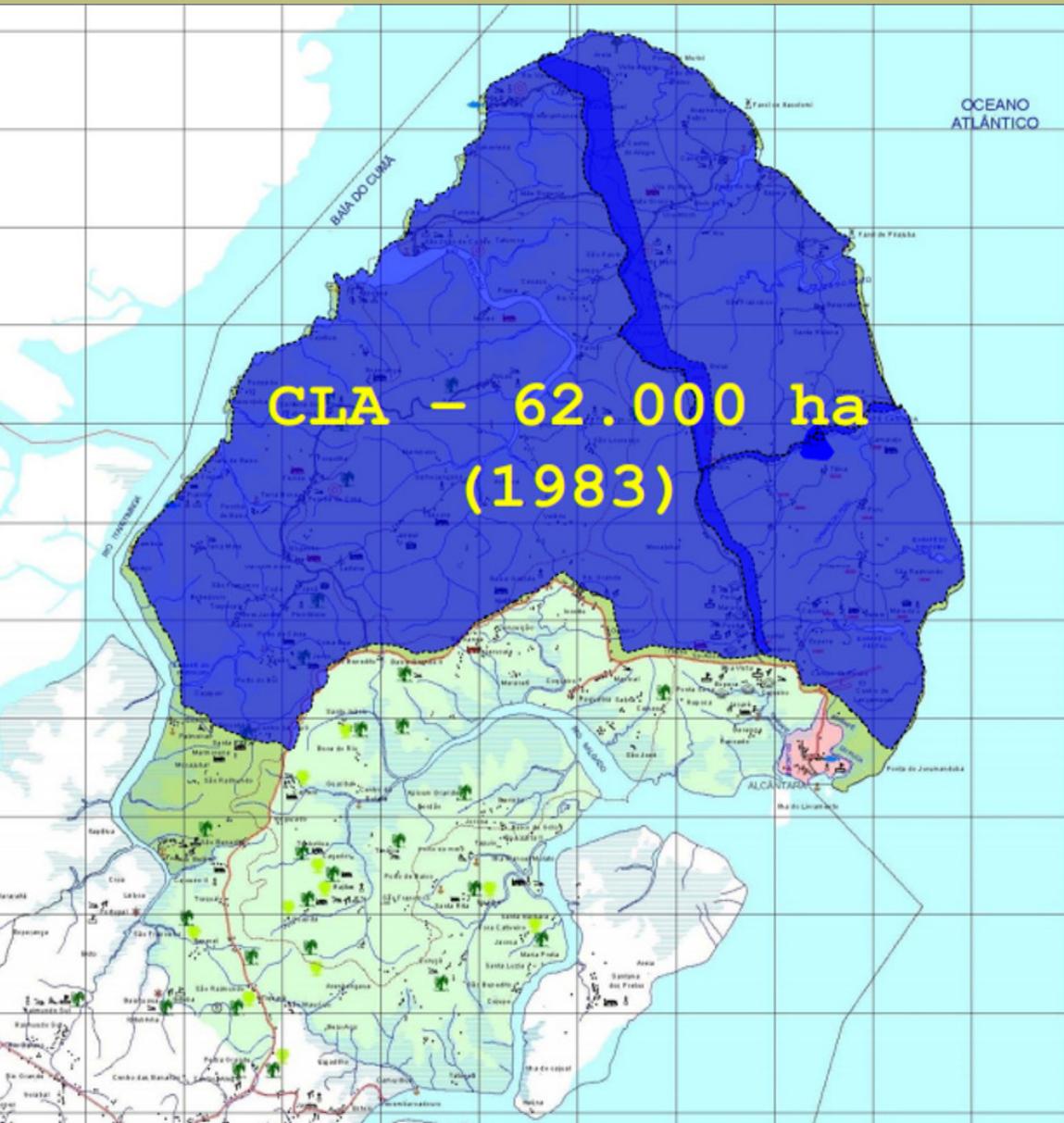
Caro (a) colega professor (a),

Apresentamos estas sequências didáticas sobre Alcântara, com intuito de contribuir para o ensino de História nas etapas do fundamental menor e maior. Fruto das reflexões desenvolvidas no Mestrado Profissional, aqui são apresentados conteúdos e atividades em linguagens diversificadas capazes de estimular o desenvolvimento de competências e habilidades de História e outras disciplinas.

Cada sequência está dividida em módulos para que os temas possam ser trabalhados considerando o planejamento e a realidade de cada sala de aula. Sinta-se à vontade para utilizar todos os módulos nas sequências apresentadas ou parte deles.

Alcântara é um lugar repleto de sentidos e sua história deve ser (re)visitada. Que este material possibilite um caminho para nos aproximarmos de Tapuitapera.

Prof^a. Adriana Monteiro



Fonte: MINISTÉRIO DA DEFESA. Base de Alcântara. Senado Federal, 2009. http://www.senado.leg.br/comissoes/cre/ap/AP20090701_Base_Alcantara.pdf

QUESTÃO NORTEADORA

Na década de 1980 o governo do Maranhão, através do Decreto Estadual nº 7820, declarou de utilidade pública 52.000 hectares do município e os destinou para a construção e instalação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA). Essa ação direta interferiu profundamente na forma de viver das pessoas do lugar, já que cerca de 300 famílias foram relocadas para as Agrovilas, conjuntos habitacionais que receberam o nome de Cajueiro, Peru, Marudá, Só Assim, Espera, Pepital e Ponta Seca. As terras desapropriadas demonstrada no mapa anterior, foram destinadas à construção do centro técnico para lançamentos, de vilas para moradia dos servidores do CLA com instituições para atender esta demanda e um aeroporto.

CONTEÚDO: diferentes tipos de paisagens.

1º e 2º ANOS

HABILIDADES:

(EF01HI04) Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e regras que os regem.

(EF02HI03) Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.

(EF02HI06) Identificar e organizar, temporalmente, fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante, ao mesmo tempo e depois).

OBJETIVOS:

- Desenvolver os conceitos de permanência e de mudança por meio da análise das características das construções;
- Estimular o aprendizado da localização espacial por meio das construções de maquetes, roteiros, mapeamentos de ruas e bairros.

DURAÇÃO:

A sequência poderá ser trabalhada em duas aulas, contudo, caberá ao professor da sala distribuir as atividades considerando o tempo que pretende disponibilizar no seu planejamento e a adequação à fase de desenvolvimento dos alunos.

METODOLOGIA:

As atividades serão desenvolvidas a partir de dois módulos integrados. No módulo I: *Tempo e experiência*, Análise de fotografias da Agrovila Marudá e da Vila Tapireí em Alcântara; no módulo II: *Modos de moradia*, confecção da maquete de um conjunto de moradias. Considerando que esses primeiros anos são ainda para alfabetização e letramento e preferencialmente através de atividades lúdicas, propomos que as sequências didáticas sejam desenvolvidas com os alunos a partir da oralidade, caso as turmas ainda não apresentem o nível satisfatório da escrita.

Módulo I: tempo e experiência

1ª etapa: Contextualizado o tema

As fotografias das imagens 01 e 02 são de conjuntos habitacionais planejados em função da implantação do Centro de Lançamento de Alcântara. A primeira imagem (imagem

01) é da Agrovila Marudá construída para receber as famílias que foram deslocadas em 1987 da área desapropriada pelo Governo. A segunda imagem (imagem 02) é da Vila Tapireí estruturada em 1987 dentro da área do CLA, para atender até 250 famílias dos servidores civis e militares vinculados à Aeronáutica.

2ª etapa: Análise em grupo/coletiva

O professor apresentará as duas imagens para a sala, explicando de onde elas são e de que momento histórico elas pertencem, enfatizando a passagem do tempo de 1980 a 2019. É importante que se faça alusão à implantação do CLA nesse período. Em seguida, pode-se proceder para uma análise coletiva com os alunos a partir das seguintes indagações: Por que essas vilas foram construídas? Como são as moradias nessas fotos? Essa região ainda existe?

Imagem 01 - Casas construídas na Agrovila Marudá



Imagem disponível em: <https://redeglobo.globo.com/ma/tvmirante/noticia/reporter-mirante-mostra-os-desafios-para-manter-o-avanco-no-programa-espacial-em-alcantara.ghtml> Acesso em 22/03/2019. Imagem de César Hipólito.

Imagem 02 - Casas destinadas a moradia dos Sargentos construídas na vila Tapireí



Finalizando a 2ª etapa, apresenta-se as questões abaixo para que sejam respondidas se possível, de forma escrita.

Questões

1. O que tem de semelhante e diferente nas imagens 01 e 02?
2. O lugar onde você mora é parecido com alguma das imagens? Por quê?
3. Quais são as partes que compõem uma moradia?
4. Todo mundo tem uma moradia? Por quê?

Módulo II: modos de moradia

1ª etapa: Contextualizado a atividade.

A maquete escolar é uma representação tridimensional de uma realidade e sua confecção envolve noções de espaço, forma e harmonia. Essa atividade de caráter lúdico, possibilita apreender de maneira prática e descontraída os conceitos trabalhados na aula.

Nesse intuito, o professor, com antecedência, solicitará que os alunos providenciem materiais recicláveis como caixas de papelão de diversos tamanhos, caixas de fósforos, embalagens, copos descartáveis, placas de isopor ou papelão que possam ser utilizados na construção de uma maquete inspirada nas vilas.

A figura 01, apresenta uma sugestão de maquete de bairros feita por alunos do ensino fundamental.

Figura 01: Maquete construída com materiais recicláveis



Disponível em: www.artesantoereciclagem.com.br/1562-maquete-escolar-modelos-e-dicas-de-como-fazer.html Acesso em 12/03/2019

Na realização da atividade, a sala deverá ser dividida em grupos, para que os alunos produzam um trabalho coletivo. É importante que seja construído um roteiro com a definição de cada passo a ser seguido, evitando assim desperdício de material e tempo ocioso. Pode-se iniciar pelo desenho das ruas na base de papelão ou isopor, seguido da confecção dos prédios e casas nas caixas pequenas ou copos descartáveis e colagem das peças selecionadas na base. As imagens 01, 02 e 03 podem servir de inspiração para a estruturação dos espaços e uso de materiais.

2ª etapa: finalizada a construção das maquetes, os grupos apresentarão seus trabalhos para a classe explicando o processo de criação. Neste momento, deverão ser retomados os temas iniciais sobre a construção das vilas para o encerramento do tema. O resultado final dos trabalhos deverá ficar exposto na sala.

Leitura complementar sugerida:

SOUZA FILHO, Benedito. **Os novos capitães do mato**: conflitos e disputa territorial em Alcântara. São Luís: EDUFMA, 2013.

QUESTÃO NORTEADORA

A mudança compulsória da área de segurança do CLA também foi responsável pelo rompimento com práticas culturais e referências ancestrais vinculadas aos locais que anteriormente eram habitados. Por pertencer ao domínio dos militares, Cemitérios e espaços sagrados para a religião de matriz africana, por exemplo, deixaram de ser acessado pelas famílias gerando um grave dano ao sentimento de pertencimento. Neste sentido, a Festa do Divino, apresenta-se como uma festa popular do calendário religioso que conseguiu manter sua forma preservada, resguardando a cultura e história de Alcântara.

CONTEÚDO: festa do Divino

3º e 4º ANOS

HABILIDADES:

(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

OBJETIVOS:

- Conhecer elementos referentes à festa do Divino Espírito Santo;
- Identificar características dos vários processos que compreendem a festividade em Alcântara;
- Valorizar a realização da festa relacionando-a ao patrimônio cultural e religioso brasileiro.

DURAÇÃO:

A sequência poderá ser trabalhada em três aulas, contudo, caberá ao professor da sala distribuir as atividades considerando o tempo que pretende disponibilizar no seu planejamento.

METODOLOGIA:

As atividades serão desenvolvidas a partir de três módulos integrados: Módulo I - *Como é a Festa do Divino em Alcântara?* Exibição do vídeo *Conheça todos os detalhes da tradicional Festa do Divino em Alcântara* com a duração de 19 minutos e 23 segundos, da série *Tesouros do Maranhão* e aplicação de atividade relacionada ao tema; Módulo II - *Elementos da festa*: Análise do texto *As Celebrações*, parte de um inventário de celebrações e práticas religiosas de quilombolas elaborado por Benedito Souza Filho e Maristela de Paula Andrade; Módulo III - *Construção de painel colaborativo* com textos e imagens sobre a festa do divino Espírito Santo em Alcântara.

Módulo I: Como é a Festa do Divino em Alcântara?

1ª etapa: Contextualizado o tema

A Festa do Divino é uma comemoração popular com manifestação espontânea e aceitação coletiva. A mesma festeja um evento cultuado pela Igreja Católica, o Pentecostes, que é a descida do Espírito Santo na forma de línguas de fogo sobre os apóstolos. Com isso, acreditam os cristãos que eles começaram a falar todas as línguas dos povos a que dirigiam sua pregação em nome de Jesus. O domingo de Pentecostes é uma comemoração com data móvel, pois acontece cinquenta dias depois do domingo da Páscoa. A Festa do Divino é feita no mesmo dia. A festa teve origem no arquipélago dos Açores, em Portugal, porque o povo local tinha muita fé no Espírito Santo, cuja proteção invocava sempre que ocorriam catástrofes naturais. A Festa do Divino foi trazida pelos açorianos para o Brasil, no século XVI, e acompanhou os açorianos que emigraram para os Estados Unidos, o Canadá e o continente africano. A Festa do Divino foi sofrendo pequenas variações, com o tempo e o lugar, um dos momentos mais esperados pelo povo que assiste a ela é o que representa a coroação do imperador. A pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo, é o principal símbolo da festividade¹.

2ª etapa: Exibição do vídeo *Conheça todos os detalhes da tradicional Festa do Divino em Alcântara* com a duração de 19 minutos e 23 segundos, da série *Tesouros do Maranhão*.

Esse programa é uma produção da TV Assembleia - MA que mostra através de reportagens temáticas as riquezas naturais e manifestações culturais do Maranhão. A reportagem acompanha os vários processos da festa tradicional do Divino Espírito Santo em Alcântara no Maranhão, conhecida também como festa de maio. Foram entrevistadas personalidades importantes para a festa, como o organizador do evento seu Moacir Brito e a caixeira dona Ana Benedita. No vídeo, são apresentados os elementos principais desta tradição: a organização do Império, a escolha dos festeiros e as caixeiras.

¹Dados disponíveis em <https://escola.britannica.com.br/artigo/Festa-do-Divino/483241>. Acesso em: 15/02/2019

Figuras 02 e 03 - Imagens do vídeo *Conheça todos os detalhes da tradicional Festa do Divino em Alcântara*



Disponível para acesso na plataforma Youtube no link: <http://www.al.ma.leg.br/noticias-tv/424>

Após explicações prévias baseadas no texto que contextualiza a atividade, o professor exibirá o vídeo, solicitando aos alunos que anotem os momentos que consideram mais marcantes, cronometrando um período curto, entre 3 a 6 minutos, para o registro. A partir da leitura oral das respostas apresentadas, orienta-se uma discussão sobre os aspectos mais relevantes ou que se repetiram nas observações feitas pelos alunos, elucidando-se as possíveis dúvidas. O debate possibilitará a exposição das percepções e compreensões dos alunos sobre o tema apresentado. Para finalizar a etapa, serão apresentadas as questões abaixo para que sejam respondidas de forma escrita.

QUESTÕES

1. Porque essa festa é importante para a comunidade de Alcântara?
2. Como são feitas as caixas que acompanham as caixeiras?
3. Você considera essa festa importante para a cidade? Explique?
4. O que mais chamou a sua atenção no vídeo? Por quê?
5. De que maneira essa festa poderá se manter para sempre na comunidade de Alcântara?

Módulo II: Elementos da festa

1ª Etapa: Leitura dirigida do texto *As Celebrações* selecionado do artigo *O Patrimônio imaterial dos quilombolas em Alcântara* de autoria de Benedito Souza Filho e Maristela de Paula Andrade.

O professor poderá iniciar fazendo a leitura oral do texto e do significado das palavras que estão no glossário. Para melhor compreensão do tema, pode-se retirar a ideia principal de cada parágrafo e escrever na lousa. Após esse processo, as questões sugeridas abaixo, poderão ser respondidas no caderno ou oralmente.

As Celebrações

[...] a fabricação de licores de frutas diversas, assim como a do chamado chocolate, são atividades inerentes à Festa do Divino, pois, como o doce de espécie, são fartamente servidos em vários momentos das cerimônias.

A confecção de altares é outro ofício ligado à realização da festa, originado da necessidade de construção de estruturas para receber o santo e a corte simulada, a cada ano. Tais altares contêm ao seu lado uma espécie de trono, onde se se sentam os representantes do império. Alguns dos artesãos que os produzem também dominam o saber e as técnicas relativas à ambientação e ornamentação das casas dos festeiros que, no caso de Alcântara, pode chegar a doze. Alguns deles desempenham também a função de guias dos rituais, como mestres-sala, por deterem o conhecimento sobre todos os detalhes das cerimônias.

A confecção da roupa para o santo diz respeito ao trabalho de mulheres que preparam a imagem, a ser colocada sobre o altar vestida, ou seja, coberta e adornada. Enfeitam também a chamada santa c`roa – coroa de prata com uma pomba em seu centro, apoiada em pequenas bandejas denominadas salvas, de zinco ou latão, também decoradas.

ANDRADE, Maristela de Paula; SOUZA FILHO, Benedito. O patrimônio imaterial dos quilombolas de Alcântara. In: SOUZA FILHO, Benedito. **Os novos capitães do mato: conflitos e disputa territorial em Alcântara.** São Luís: EDUFMA, 2013, p. 245-276



GLOSSÁRIO

Licores: bebida alcoolizada, espessa, açucarada e não fermentada que é preparada por destilação, maceração ou pela adição de essências.

Inerentes: é o que faz parte da pessoa ou coisa e que lhe é inseparável por natureza.

Corte simulada: representação dos nobres de Portugal.

Relativas: relacionado a outra coisa;

Ambientação: adaptação a um novo ambiente.

Ornamentação: decoração, ilustração.

Guias dos rituais: quem orienta o que deve ser feito em cada momento da festa.

Questões

1. Que alimentos são distribuídos nas Festas do Divino? Você conhece algum?
2. Explique o que são os altares e quem é responsável pela sua confecção.
3. O que é a santa c`roa? O que ela representa?
4. Qual a importância dos artesãos para a realização da festividade? Dê exemplos das atividades que eles podem desenvolver.

2ª Etapa: como é feito o doce de espécie?

O doce de espécie é fartamente distribuído na festa do Divino, durante as visitas do império aos festeiros, tornando-se por isso, tradicional da cidade de Alcântara. A receita é originária dos Açores, região de Portugal e se estabeleceu em definitivo como um sabor característico da festividade.

Figura 04 - Doces de espécie



Imagem disponível em: <https://sentidosdoviar.com/2016/02/19/o-que-fazer-em-alcantara-historia-arquitetura-maranhao/alcantara-doce-de-especie/> Acesso em 15/02/2019

Após a explicação sobre o que é o doce de espécie, o professor poderá encaminhar junto com os alunos, a leitura dos ingredientes e modo de preparo finalizando esta etapa de como é produzido e respondendo as questões sugeridas por escrito.



RECEITA

Ingredientes

- 3 xícaras de coco ralado grosso
- 2 xícaras de açúcar
- 1 xícara de água

Massa

- 2 xícaras de farinha de trigo
- 5 colheres (sopa) de óleo
- 1/2 colher (chá) de sal
- 1/2 xícara de água

Preparo do recheio

Colocar todos os ingredientes numa panela e levar ao fogo alto mexendo sem parar. Depois que a calda começar a ferver, mexer de vez em quando. Quando a mistura estiver bem cremosa, desligar o fogo, passar para um tabuleiro untado com manteiga e deixar esfriar.

Preparo da massa

Colocar a farinha de trigo numa tigela e juntar o óleo, o sal e a água. Misturar até que a massa fique homogênea. Em seguida, polvilhar farinha de trigo sobre uma superfície de trabalho. Abrir a massa com um rolo até ficar bem fina. Com a ajuda de um copo, cortá-la em discos. Polvilhar uma assadeira com farinha de trigo e colocar os discos de massa.

Preparo final

No meio de cada disco de massa, colocar uma colher de sopa generosa da cocada já fria. Decorar cada docinho com tiras finas da massa, fazendo um laço. Colocar os doces em forno quente e assar por aproximadamente 20 minutos.

Receita disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/em-alcantara-conheca-a-casa-do-divino-e-experimente-os-doces-de-especie/>. Acesso em 15/02/2019

Questões

1. Em quantas partes a receita é dividida?
2. Quais os ingredientes principais da receita? São difíceis de serem encontrados?
3. É importante a distribuição de comidas em festas? Por quê?
4. De qual lugar essa receita é originária?
5. Pesquise outras receitas relacionadas a festas tradicionais e apresente na sala. Com a ajuda dos colegas podemos construir um caderno de receitas.

Módulo III - Construção de painel colaborativo com textos e imagens sobre a festa do Divino Espírito Santo em Alcântara.

1ª etapa: Após a divisão da sala em grupos, o professor poderá iniciar um debate com palavras-chave ou conceitos selecionados do vídeo *Conheça todos os detalhes da tradicional Festa do Divino em Alcântara* e do texto *As Celebrações*, enfatizando a necessidade da preservação e valorização da cultura e da religiosidade como forma de identidade e resistência de um povo.

Com a escolha de um tema para cada grupo, os alunos poderão construir cartazes com pequenos textos ou imagens sobre as discussões desenvolvidas na sala.

2ª etapa: Os grupos apresentarão seus cartazes para a classe e juntos construirão um painel sobre o tema que ficará exposto na sala.

Leitura complementar sugerida

LIMA, Carlos de. **A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória: Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: Quem conta a história?

QUESTÃO NORTEADORA

A história da implantação do CLA relaciona-se com a luta por reconhecimento e acesso à terra das populações rurais e comunidades quilombolas de Alcântara. Neste sentido, as memórias pessoais e coletivas podem explicitar e confrontar aspectos do passado diante da homogeneização de um discurso oficial.

CONTEÚDO: memória e documento

5º e 6º ANOS

HABILIDADES:

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.

OBJETIVO:

- Observar os impactos da construção do CLA na vida de moradores de Alcântara por meio da contraposição de narrativas construídas a partir da metodologia da História Oral.

DURAÇÃO:

Sugerimos 4 aulas para o desenvolvimento da sequência. Caberá ao professor distribuir as atividades considerando o tempo que pretende disponibilizar no seu planejamento para a realização de cada etapa.

METODOLOGIA:

As atividades serão desenvolvidas em 4 etapas integradas:

I - Direcionado aos professores. Estudo e adequação da metodologia da História Oral no que se refere à construção do roteiro e preparo das entrevistas:

II - Direcionado aos alunos. Apresentação dos conceitos básicos da História Oral que orientarão o trabalho e preparação conjunta dos roteiros das entrevistas. Definição do perfil dos entrevistados.

III - Realização de entrevistas e análises dos resultados.

IV - Divulgação dos resultados para a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A História Oral, considera que a reminiscência pessoal, expressa por meio das experiências de vida do informante, proporciona a atualidade e a riqueza de detalhes essenciais para esse trabalho, pois a entrevista é compreendida “[...] não como fonte para um produto posterior e final da pesquisa, mas como momento fundante onde não só se colhe a história, mas onde se vive a memória e se cria um acontecimento que também faz história” (VEN et al, 1996, p. 65).

A procura por compreender os elementos gerais contidos nas entrevistas e depoimentos das pessoas ultrapassa um instante único desse processo. Desde a gravação em áudio até a ocasião de transcrição das entrevistas tem-se oportunidade de analisar o momento do encontro, a emoção que ele comporta, os gestos contidos que muitas vezes, ficam nas entrelinhas, no não dito, nas palavras entrecortadas por lágrimas e silêncio. Posto que:

Na medida em que os historiadores orais confrontam evidências de ambos os processos em seus textos de entrevista, a complexa questão da interpretação ultrapassa em muito as teses românticas acerca da história alternativa de baixo para cima, que tantas inovações provocou nesse campo (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 1998, p. 77).

1ª Atividade

Para essa proposta que tem como objeto o processo de implantação do CLA, serão definidos dois grupos alvos entre os quais devem ser selecionados os entrevistados: moradores que vivenciaram as relocações para as Agrovilas e funcionário da Aeronáutica no período da implantação. Com esse objetivo, o professor formará dois grupos de estudantes que selecionarão da comunidade as pessoas que estão no perfil para serem entrevistadas, considerando disponibilidade, acesso e recursos disponíveis.

Em decorrência das facilidades tecnológicas e com o consentimento do entrevistado, a entrevista poderá ser gravada em áudio ou em vídeo. Para esse momento, deverá ser utilizado um roteiro com perguntas pré-definidas entre o professor e os estudantes, com questões elaboradas de acordo com o grupo do entrevistado.

Para os moradores que vivenciaram a relocação, sugerimos:

1. Como era a vida nos povoados antes de ir morar nas Agrovilas?
2. Como foram os dias da transferência?

3. Que lembranças ficaram desse período de mudança?
4. O que mais causou estranheza na chegada nas Agrovilas?
5. Para você onde seria melhor viver, nas Agrovilas ou nos povoados? Por quê?

Para funcionário da Aeronáutica no período da implantação, sugerimos:

1. Que tipo de trabalho você realizava no CLA no período das transferências?
2. Havia alguma preparação para os funcionários nesse momento das mudanças?
3. Quais lembranças você guarda desse período?
4. Você considera essa mudança necessária? Por quê?
5. Nos dias da transferência, tudo ocorreu conforme o planejado?

No momento da entrevista, seja em áudio ou vídeo, deverá ser preenchida uma ficha com os dados pessoais do entrevistado. Deve-se informar aos entrevistados as etapas da atividade, bem como utilizar um nome fictício para aqueles que se sentirem constrangidos com a divulgação do verdadeiro.

2ª atividade

Com as gravações prontas, os estudantes deverão transcrever para o papel tudo que foi dito nas gravações. Esta atividade é extensa, devendo por isso o roteiro das entrevistas ser enxuto.

3ª atividade

Findadas as etapas, deverá ser reservado um momento para as análises dos resultados enfatizando-se para os alunos que o fazer histórico é construído a partir de contraposição de versões que são identificadas por meio de fontes históricas e organizadas em um texto por meio de metodologia adequada. Sugere-se que os resultados sejam expostos à comunidade escolar por meio de cartazes ou pequenos seminários apresentados pelos alunos. Deve-se apresentar o resultado final da pesquisa aos entrevistados.

Leitura complementar sugerida

MORAES, Marieta & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: Farinha: identidade e cultura do Maranhão.

QUESTÃO NORTEADORA

As alterações na configuração agrária de Alcântara após o decreto de desapropriação e instalação do CLA, refletiram nas atividades de pesca, extrativismo e produção de alimentos. A desestruturação no modo de vida dos moradores dos povoados que foram relocados acarretou uma situação de insegurança alimentar, reduzindo os ecossistemas e afetando a produção do alimento mais consumido pelos maranhenses: a farinha de mandioca.

CONTEÚDO: Produção e fabricação de farinha no Maranhão.

6º e 7º ANOS

HABILIDADES:

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.

OBJETIVOS:

- Identificar os processos da produção de farinha em Samucangaua;
- Analisar tabelas com dados sobre o desempenho da cultura da mandioca nas regiões brasileiras e no Maranhão;
- Relacionar aspectos da cultura alimentar nacional e realidade local;
- Desenvolver autonomia e responsabilidade com o processo de aprendizagem.

DURAÇÃO:

A sequência poderá ser trabalhada em três aulas, contudo, caberá ao professor da sala distribuir as atividades considerando o tempo que pretende disponibilizar no seu planejamento.

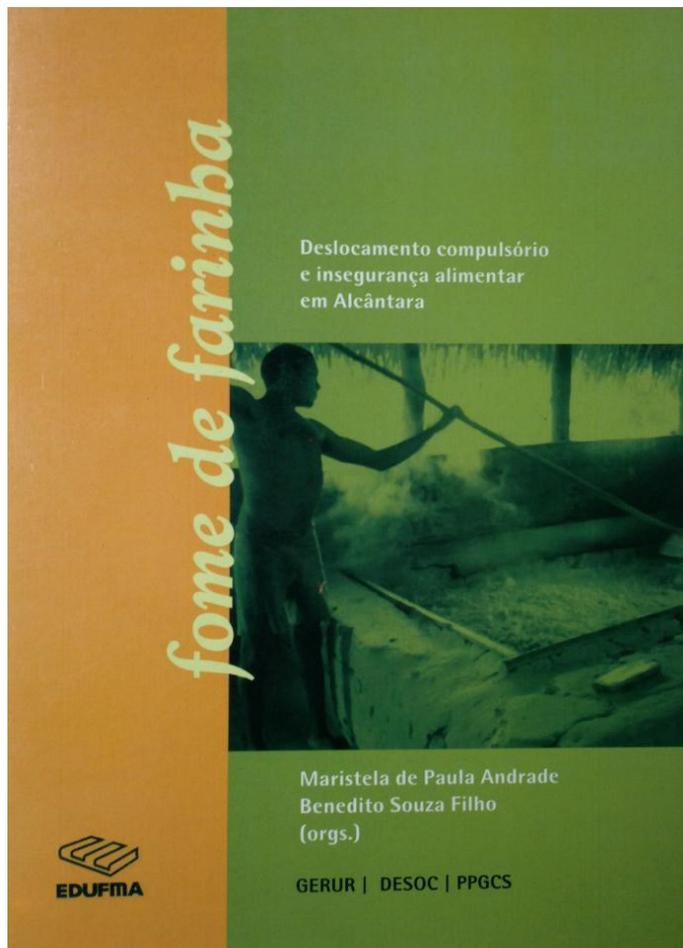
METODOLOGIA:

As atividades serão desenvolvidas a partir de três módulos integrados: Módulo I - *Leitura dirigida* do texto *Samucangaua: identidade, produção de alimentos e cultura alimentar* disponível na obra *Fome de Farinha: deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara* e aplicação de atividades relacionadas ao tema; Módulo II - *Análise de tabelas* com dados sobre a produção de mandioca; Módulo III - *Exibição de vídeo* e debate sobre a música *Farinha*, interpretada por Djavan.

Módulo I: Leitura dirigida do texto Processos de fabrico de farinha selecionado do artigo *Samucangaua: identidade, produção de alimentos e cultura alimentar.*

1ª Etapa: conhecendo a obra.

Figura 05 - Capa do livro *Fome de farinha*



ANDRADE, Maristela de Paula; SOUZA FILHO, Benedito (Orgs.). **Fome de Farinha: deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara.** São Luís, EDUFMA, 2006, p. 80-81.

A publicação é composta por sete artigos, resultado de um Projeto de Pesquisa do GERUR- Grupo de Estudos Rurais e Urbanos, do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. A pesquisa buscou avaliar como hábitos alimentares e aspectos da cultura alimentar de povoados de Alcântara, no Maranhão, foram afetados a partir da instalação do Centro de Lançamento de Alcântara; também foram apreendidas as formas de produção e consumo dos alimentos e de que modo a intervenção governamental para a instalação afetou essa prática desde 1980. Para esse módulo, foi selecionado o artigo Samucangaua: identidade, produção de alimentos e cultura alimentar elaborado pelos autores Benedito Souza Filho, Janaína Campos Lôbo e Rafael Bezerra Gaspar apresenta a diferentes formas de manejo dos recursos naturais no povoado, relacionando-o à manutenção do equilíbrio dos ecossistemas da região.

Samucangaua é um povoado com grande variedade de recursos naturais, principalmente hídricos, que tem recebido a população das Agrovilas em busca de alimento, tendo em vista a escassez da terra onde moram.

2ª Etapa: apresentação do texto em sala

O professor poderá iniciar a aula perguntando aos estudantes o que eles sabem sobre a origem e a produção da farinha. Isto é importante para o aprofundamento das discussões sobre o tema, estando atento a contribuição de todos para o diálogo. Após a entrega do texto abaixo selecionado, inicia-se uma leitura silenciosa individual, para que em seguida, um aluno apresente a leitura oral do texto *processos de fabrico de farinha*.

Processos de fabrico de farinha

A farinha é um alimento indispensável na cultura alimentar dos moradores de Samucangaua[...]. Seja pela manhã ou à noite, em pequenas refeições, chamadas merendas, feitas em casa ou nos locais de trabalho, a farinha está sempre presente.

Em Samucangaua produzem-se dois tipos de farinha: a farinha d'água e a farinha seca. Além disso, é produzida a tapioca que corresponde a uma massa branca, obtida a partir da massa da mandioca e que se deposita em pequenos baldes.

O processo de fabrico dos tipos de farinha em Samucangaua provém da produção de mandioca durante o período de atividade agrícola. Assim, como a farinha é bastante consumida no povoado, a plantação de mandioca nunca diminui, sendo o item mais cultivado tanto nas roças de inverno como em roças de verão.

Para a produção dos tipos de farinha, a mandioca passa pelo seguinte processo de transformação: com a retirada da mandioca no período de colheita os tubérculos são colocados em pequenos poços d'água (igarapé ou outro) próximos aos locais de roças durante três ou quatro dias; após essa etapa, retiram-nos, já em estado quase pastoso, e descascam-nos. A partir daí, a mandioca é levada para as casas de fornos, que contém instrumentos próprios à feitura da farinha. No povoado de Samucangaua identificou-se a presença de duas casas de fornos e dois catitus – tipo de ralador movido à força humana para o fabrico da chamada farinha seca. Ali, passará por vários processos dos quais participam homens, mulheres e crianças.

Com algumas variações, os procedimentos nas casas de farinha são comuns em todas as regiões do Maranhão e apresentam grande homogeneidade. A casa de forno é o local de encontro de famílias, de vizinhos e amigos, onde trabalham, conversam, brincam, onde lazer e atividade produtiva se encontram, onde sociabilidade cotidiana se concretiza.

GASPAR, LÔBO, SOUZA FILHO, Samucangaua: identidade, produção de alimentos e cultura alimentar. In: ANDRADE, Maristela de Paula; SOUZA FILHO, Benedito (Orgs.). **Fome de Farinha**: deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara. São Luís, EDUFMA, 2006, p. 80-81.



Tubérculo: Em botânica, tubérculo se refere ao caule arredondado que algumas plantas verdes desenvolvem abaixo da superfície do solo como órgãos de reserva de energia¹.

Homogeneidade: Significa ser tratado da mesma maneira².

Questões:

1. Quais os tipos de farinha produzidos em Samucangaua?
2. Explique os processos de produção da farinha.
3. Qual a importância da casa de farinha para os produtores de Samucangaua?
4. Na sua opinião, por que a farinha é um alimento tão valoroso na cultura alimentar dos maranhenses?

O professor poderá disponibilizar cerca de dez minutos para que os alunos discutam entre si as questões apresentadas e cerca de vinte minutos para que as respondam, apresentando oralmente o que cada um escreveu. Esta etapa deve servir para que exercitem sua autonomia na formulação das respostas para as questões ainda que necessitem do auxílio pontual do professor.

¹ Dados disponíveis em <https://educalingo.com/pt/dic-pt/tuberculo> consulta feita em 07/02/2019.

² Dados disponíveis em <https://www.dicionarioinformal.com.br/homogeneidade/> consulta feita em 07/02/2019.

Módulo II: Análise de tabelas com dados sobre a produção de mandioca.

1ª etapa: contextualizando os dados.

O Maranhão é um dos maiores produtores de farinha de mandioca do Brasil. Originária da América do Sul, a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) constitui um dos principais alimentos energéticos para cerca de 700 milhões de pessoas. Mais de 100 países produzem mandioca, o Brasil é o segundo maior produtor do mundo, responsável por 10% da produção mundial. A mandioca é cultivada em todos os estados brasileiros, situando-se entre os oito primeiros produtos agrícolas do país, em termos de área cultivada, e o sexto em valor de produção³.

Figura 06 - Mandioca



Disponível em: <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/mandioca> acesso em 15/01/2019

³ Dados disponíveis em <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/mandioca> acesso em 15/01/2019

2ª Etapa: apresentação das tabelas em sala.

Ao iniciar a etapa, é oportuno fazer uma pequena revisão sobre os processos de produção da farinha, identificados na etapa anterior. Em seguida, apresenta-se as tabelas com os dados anuais sobre a produção da mandioca nas regiões brasileiras e no Maranhão. É importante explicar os títulos das colunas, considerando:

Região fisiográfica: definição que compreende as cinco regiões brasileiras determinadas pelo IBGE a partir de critérios como semelhanças nos aspectos físicos, humanos, culturais, sociais e econômicos.

Área colhida (ha): área medida em hectares com plantações de mandioca.

Quantidade produzida (t): Quantidade de mandioca em toneladas, retirada do subsolo.

Rendimento médio: resultado da divisão entre a quantidade colhida e a área da plantação de mandioca, t/ha.

Tabela 01 - Produção brasileira de Mandioca em 2017

Região fisiográfica	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (t/ha)	Participação na produção (%)
Norte	473.872	7.212.771	15,22	38,21
Nordeste	454.157	3.881.931	8,55	20,56
Sudeste	101.018	1.830.266	18,12	9,70
Sul	220.575	4.765.265	21,60	25,24
Centro-oeste	65.229	1.186.237	18,19	6,28
BRASIL	1.314.851	18.876.470	14,36	100,00

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal, 2017. Consultado em 17/09/2018. Disponível em: http://www.cnpmf.embrapa.br/Base_de_Dados/index_pdf/dados/brasil/mandioca/b1_mandioca.pdf Acesso em 15/01/2019.

Tabela 02 - Desempenho da cultura da mandioca nos maiores estados produtores brasileiros

3° lugar – Maranhão			
Ano	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento (t/ha)
2001	140.534	1.033.953	7,36
2002	149.737	1.138.871	7,61
2003	164.617	1.241.190	7,54
2004	172.937	1.339.992	7,75
2005	191.852	1.529.986	7,97
2006	212.088	1.720.322	8,11
2007	213.333	1.765.586	8,28
2008	222.522	1.730.141	7,78
2009	182.033	1.216.413	6,68
2010	210.060	1.540.586	7,33
2011	207.554	1.780.279	8,58
2012	196.564	1.529.579	7,78
2013	189.693	1.325.328	6,99
2014	188.080	1.619.342	8,61
2015	173.798	1.481.907	8,53
2016	156.325	1.305.850	8,35
2017	151.157	1.315.954	8,71
TGC	0,31	0,95	0,65

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal. Consultado em 18/09/2018.

TGC = Taxa geométrica de crescimento (% a.a.), calculada por regressão (anamorfose logarítmica). Disponível em: http://www.cnpmf.embrapa.br/Base_de_Dados/index_pdf/dados/brasil/mandioca/b5_mandioca.pdf Acesso em 15/01/2019.

Questões

1. De acordo com a tabela 01, qual a participação das regiões norte e nordeste em porcentagem, na produção de mandioca no ano de 2017?
2. Observando a tabela 02, escreva a quantidade de mandioca produzida em toneladas, nos anos de 2001 e 2017.
3. Analisando os dados da tabela 01, que região teve o maior rendimento médio em 2017?
4. O rendimento anual apresentado nas tabelas 1 e 2, resulta da divisão entre a quantidade colhida (t) e a área da plantação de mandioca (ha). Que elementos podem influenciar no aumento ou diminuição dessa produção?

Para finalizar esta etapa, pode-se selecionar alunos para apresentarem os resultados encontrados para a atividade proposta. Sugere-se que a correção das questões seja realizada de forma coletiva, ampliando a aprendizagem.

Módulo III: exibição do vídeo e debate sobre a música *Farinha*, interpretada por Djavan.

1ª Etapa: conhecendo a obra.

Música: farinha

Intérprete: Djavan

Compositor: Djavan Caetano Viana

Letra de Farinha © LUANDA ED. MUSICAIS LTDA.

Sobre o compositor/intérprete: Djavan Caetano Viana, conhecido por Djavan, nasceu em Maceió (AL) no dia 27 de janeiro de 1949. O cantor e compositor é filho de Virgínia Viana, uma lavadeira e de um vendedor ambulante. Desde criança foi influenciado por boa música pois sua mãe cantarolava músicas de Nelson Gonçalves e Ângela Maria. Quando adolescente alimentava o sonho de ser jogador de futebol, tornando-se meio – campista de um time de Maceió. Envolvido com a música, Djavan mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973 onde iniciou sua carreira⁴.

Figuras 07 e 08 - Imagens do vídeo da música *Farinha*



Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=by59pIXOOb4>

⁴ Dados disponíveis em: <https://www.vagalume.com.br/djavan/biografia/>. Acesso em: 15/01/2019

Letra

*A farinha é feita de uma planta da família das
euforbiáceas, euforbiáceas
de nome manihot utlíssima que um tio meu apelidou de macaxeira
e foi aí que todo mundo achou melhor!...
a farinha tá no sangue do nordestino
eu já sei desde menino o que ela pode dar
e tem da grossa, tem da fina se não tem da quebradinha
vou na vizinha pegar pra fazer pirão ou mingau
farinha com feijão é animal!
o cabra que não tem eira nem beira
lá no fundo do quintal tem um pé de macaxeira
a macaxeira é popular é macaxeira pr'ali, macaxeira pra cá
e em tudo que é farinhada a macaxeira tá
você não sabe o que é farinha boa
Farinha é a que a mãe me manda lá de Alagoas*

2ª Etapa: apresentação da música em sala

A música deve ser escutada pelo menos duas vezes. O professor poderá orientar os alunos para que a ouçam atentamente e em seguida, relatem as sensações transmitidas pela música e os instrumentos utilizados nela. Deve-se destacar que a música se constitui de uma linguagem poética, repleta de sentidos, portanto capaz de imprimir significados distintos em cada indivíduo.

Questões

1. Relacione a letra da música aos processos de produção da farinha em Samucangaua.
2. Explique a posição do compositor em relação ao tema referido na música.
3. Como podemos interpretar o seguinte fragmento da música “a farinha tá no sangue do nordestino”? Considere os conhecimentos adquiridos nos estudos sobre a produção da farinha no Brasil.
4. A farinha faz parte da sua dieta? Qual a importância dela para o seu hábito alimentar?
5. Na letra da música o compositor afirma: “você não sabe o que é farinha boa”. O que é uma farinha boa para o maranhense?

Concluída a resolução das questões apresentadas, pode-se iniciar uma roda de conversas com a leitura individual das respostas. O professor iniciará um debate estimulando os alunos a refletirem sobre a influência para os agricultores da redução dos lotes para o cultivo e má qualidade das terras nas Agrovilas.

Leitura complementar sugerida:

ANDRADE, Maristela de Paula; SOUZA FILHO, Benedito (Orgs.). **Fome de Farinha: deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara**. São Luís, EDUFMA, 2006.

QUESTÃO NORTEADORA

A Constituição de 1988, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, assegurou o reconhecimento do direito dos remanescentes de quilombos à propriedade dos territórios que estivessem ocupando, devendo o Estado emitir os títulos. Grande parte do município de Alcântara é reconhecida como área de remanescentes de quilombos, contudo ainda não tiveram acesso à titularidade de suas terras.

CONTEÚDO: Grupos étnico e territórios.

8º e 9º ANOS

HABILIDADES:

(EF08HI27) Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

OBJETIVO:

- Analisar por meio dos vídeos e da produção acadêmica as permanências e alterações no modo de vida das populações remanejadas pelo CLA, bem como discutir o impacto dessas transformações.

DURAÇÃO:

Sugerimos três aulas para o desenvolvimento das sequências, contudo, caberá ao professor distribuir as atividades da forma mais apropriada ao aprendizado dos seus alunos e andamento do planejamento.

METODOLOGIA:

As atividades serão desenvolvidas a partir de dois módulos integrados: Módulo I - *Exibição e debate de vídeodocumentário* sobre a situação territorial de Alcântara; Módulo II - *Leitura dirigida* de um texto selecionado da obra de Mundinha Araújo intitulada *Breve memória das comunidades de Alcântara*.

Módulo I

1ª Etapa: exibição do vídeo Terras de Quilombo: uma dívida histórica.

Figuras 09 e 10 - Imagens do vídeo Terras de Quilombo: uma dívida histórica



Disponível para acesso na plataforma youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=63ys-OqFDEE>.

Ficha técnica:

Vídeo realizado pela Associação Brasileira de Antropologia no ano de 2003.

Dirigido pelo cineasta Murilo Santos e produzido por Rosenita Santos.

Financiado pela Fundação Ford, com a duração de 51'12”.

O documentário apresenta uma análise sobre as territorialidades de Alcântara, considerando as identificações de terras de Preto, de Santo, Santíssimo, e a identidade étnica daquelas populações, conforme laudo antropológico de autoria do prof. Alfredo Wagner. No vídeo são exibidos depoimentos de pessoas atingidas pela relocação para as Agrovilas em função da instalação do Centro de Lançamento e suas conseqüentes alterações na forma material e cultural de vida daquelas pessoas. O protagonismo dado ao vídeo a quem vivenciou esse momento histórico marcante para aquela região é uma excelente oportunidade de contraponto ao discurso oficial dos órgãos oficiais do governo que justificam a necessidade deste empreendimento.

Antes de iniciar a seção exponha aos alunos os objetivos do trabalho, junto com a ficha técnica do vídeo, enfatizando as características do documentário como possibilidade de fonte histórica. Informe que os alunos deverão ficar atentos aos aspectos materiais, culturais e religiosos das comunidades apresentadas no filme. Se for necessário o professor pode proceder com pequenas pausas no filme, para reforçar falas ou dar destaques a acontecimentos relevantes.

2ª Etapa: Debate sobre o filme

Estimule a discussão solicitando que os alunos exponham suas observações por blocos, a partir dos aspectos indicados no início da apresentação. Direcione o diálogo fazendo questionamentos pontuais tais como: O que são quilombos na atualidade? Como eram as atividades desenvolvidas nos povoados? Quais as características do modo de vida da população dos povoados antes da implantação do CLA? Que aspectos foram alterados nas comunidades com

a implantação do CLA? De que forma as pessoas mantêm o sustento nas Agrovilas? Que relação tem a religiosidade de matriz africana com o lugar? Quais espaços são considerados sagrados?

Cada fala deverá ser anotada objetivando a construção de um texto sobre cada tema em separado. Nesse momento o professor deve explicar e explorar categorias como territorialidades específicas e uso comum da terra.

Alfredo Wagner Almeida (2010) explica que no uso comum da terra os recursos básicos são geridos por meios de normas acatadas de maneira consensual entre os “vários grupos familiares que compõem uma unidade social”, precedendo a posse individual dos recursos naturais; com relação as territorialidades específicas das terras de preto, terras de santo, terras de santíssimo. O mesmo autor infere que estas “não seriam redutíveis a uma noção de terra, enquanto recurso básico, ou a uma distinção de domínio, quer dizer, entre posse e propriedade” (ALMEIDA, 2010, p.38), mas são advindas de vários contextos que marcam o apossamento em cada situação.

Sugere-se que estas questões podem ser aprofundadas com leitura da bibliografia complementar indicada.

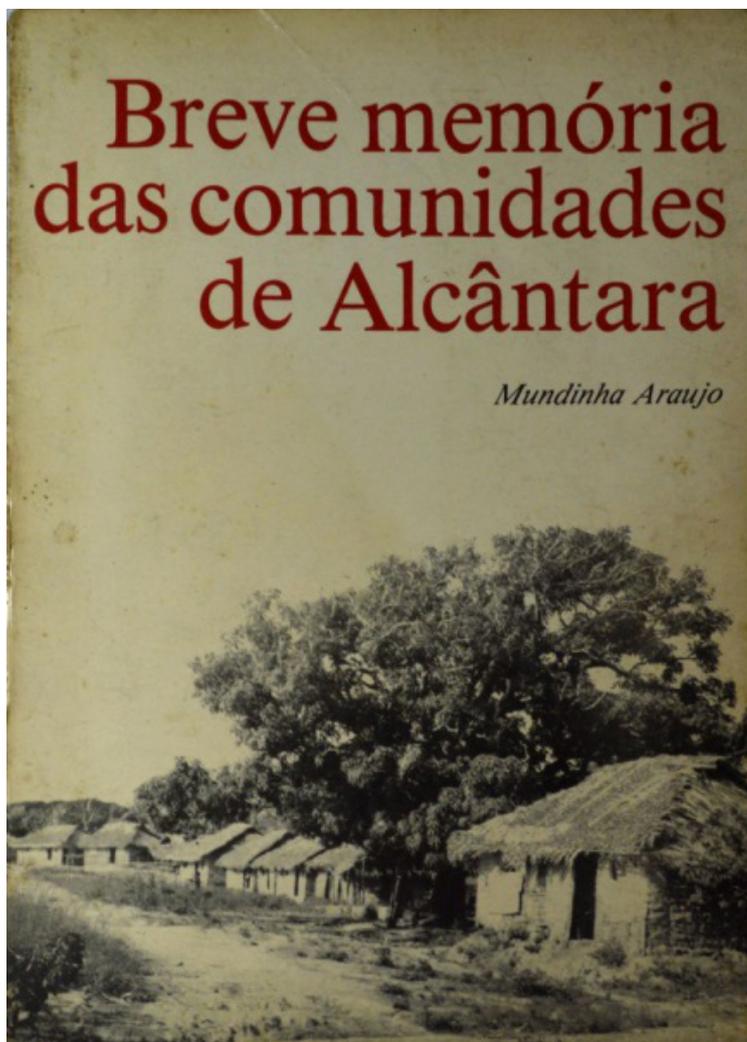
3º Etapa: Construção de painéis colaborativos

Distribua os alunos em grupos por temas definidos, considerando os efeitos da implantação do CLA nos povoados que foram relocados. Com base na escrita construída a partir das discussões iniciais, cada grupo organizará um painel em forma de cartazes com o texto produzido em conjunto sobre os aspectos demonstrados no filme sobre o cotidiano e relações sociais antes e depois do CLA. Em seguida esse material deverá ser apresentado e exposto na sala.

Módulo II - Leitura dirigida de um texto do livro Mundinha Araújo, *Breve memória das comunidades de Alcântara*.

1ª Etapa: conhecendo a obra

Figura 11 - Capa do livro de Mundinha Araújo



Fonte: da Autora

Ficha Técnica

ARAUJO, Mundinha. **Breve memória das comunidades de Alcântara**. São Luis, SIOGE, 1990.

Esta obra é resultado do projeto Mapeamento cultural dos povoados localizados na área de segurança do Centro de Lançamento de Alcântara em convênio com o MINC/SPHAN/SECMA. O projeto foi desenvolvido nos anos de 85 a 87 e envolveu pesquisas de campo com entrevista e registro fotográfico de 22 povoados dentre os 49 que foram posteriormente relocados para as Agrovilas. Para este módulo selecionamos um texto que trata da vida das crianças nos povoados pesquisados. A autora é pesquisadora, militante do movimento negro e uma das fundadoras do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), em 1979. Também são de sua autoria os livros: *A Invasão do Quilombo Limoeiro*, *Insurreição dos Escravos do Viana*, *Em Busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme: tutor e Imperador da Liberdade*

2ª Etapa: apresentação do texto em sala.

Inicie apresentando a obra de referência, destacando o contexto em que foi produzida e o nome da autora.

O texto abaixo selecionado deverá ser xerocopiado e entregue aos alunos para leitura inicial individualizada.

As crianças

Em alguns povoados, torna-se difícil, aparentemente, identificar onde moram os membros dessa ou daquela família, porque os quintais não possuem cercas e as crianças vivem numa e noutra casa, brincando e fazendo as refeições. Qualquer pessoa mais velha pode repreendê-las, pedir-lhes que façam algum serviço. Elas, sempre sorridentes e ativas, atendem.

Nos povoados Cajueiro, Canelatiua, Peru e Mamuna a população infantil é considerável e aí vêem-se meninos e meninas ocupando os mais diversos espaços, nos sítios. Quando chega um visitante, elas se mantêm, por perto, curiosas e prestativas; aliás, chama a atenção a presença constante dessas crianças em reuniões e festas; participam das conversas juntamente com os adultos, de maneira compenetrada e discreta. Não opinam nem interferem quando os mais velhos falam, no entanto, nunca são mandadas embora. Quando solicitadas, contam histórias, cantam e dançam sem inibições.

*Dessa forma se mantém viva a tradição oral nessas comunidades, pois, o fato de as crianças e jovens ouvirem atentamente os relatos dos pais, tios e avós (os mais velhos) com seriedade, resulta na formação da memória oral coletiva pela qual se baseiam, na idade adulta, para reproduzir esse ou aquele fato, tomando como referência os acontecimentos que presenciaram ou as narrações que ouviram na infância: **o meu pai contava... ou quando eu me entendi, os mais velhos dizia...**"*

ARAUJO, Mundinha. **Breve memória das comunidades de Alcântara.** São Luis, SIOGE, 1990, p. 34-35.

3ª Etapa: Análise e interpretação do texto histórico.

Faça oralmente um levantamento dos aspectos principais do texto, indicando a ideia principal em cada parágrafo. Em seguida, enfatize que o momento em que as comunidades citadas estavam vivenciando era anterior ao processo de mudança para as Agrovilas da Aeronáutica. Propor aos alunos que falem de suas impressões do lugar descrito no texto de como era relação entre as pessoas.

4ª Etapa: Produção textual

Indique os seguintes questionamentos para que os alunos respondam por escrito:

- Por que tornava-se aparentemente difícil identificar a casa de cada criança?
- Que relação era estabelecida entre as crianças e os adultos nessas comunidades?
- Por que era importante o convívio constante entre as crianças e os mais velhos?

Solicite a produção de um texto dissertativo, onde deverão ser estabelecidas relações entre o conteúdo do texto e a realidade dos alunos. O tema será a maneira que é vivenciada a infância, o que mudou e o que poderia ser como antes. Esta redação deverá ser entregue para correção do professor e posteriormente apresentação em sala.

Findando as etapas de cada módulo, as avaliações deverão ser feitas a partir das produções escritas apresentadas, bem como no processo de cada atividade considerando-se o desenvolvimento individual e participação de cada aluno. Após a correção dos textos, o resultado final de cada módulo deverá ser discutido em sala, para que seja feita uma autoavaliação da atuação e aprendizado de cada aluno no decorrer do processo.

Leitura complementar sugerida:

ALMEIDA, Alfredo Wagner. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico**. Brasília: MMA, 2006.

ANDRADE, Maristela de Paula. Expropriação de grupos étnicos, crise ecológica e (in)segurança alimentar: problematizando as noções de fome e pobreza. **Revista Pós-Ciências Sociais**. São Luís, v. 2, n. 4, p. 37-60, jul./dez. 2005.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Mundinha. **Breve memória das comunidades de Alcântara**. São Luis, SIOGE, 1990.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2019.

GASPAR, LÔBO, SOUZA FILHO, Samucangaua: identidade, produção de alimentos e cultura alimentar. In: ANDRADE, Maristela de Paula; SOUZA FILHO, Benedito (Orgs.). **Fome de Farinha: deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara**. São Luís, EDUFMA, 2006, p. 80-81.

SOUZA FILHO, Benedito. **Os novos capitães do mato: conflitos e disputa territorial em Alcântara**. São Luís: EDUFMA, 2013.

THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais, In: MORAES, Marieta & AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.65-92

VEN, Le Marie Michel et al. História Oral de vida: o instante da entrevista. **Varia História**. Belo Horizonte: FAFICH: UFMG, n.16, set. 1996. p. 57-66.